

## **A transmissão da psicanálise às novas gerações**

### ***Entrevista com Romildo do Rêgo Barros<sup>1</sup>***

Já que o tema desta entrevista é a transmissão da psicanálise para novas gerações, começamos com o que, no seu entender, pode vir a definir uma geração e marcar a passagem de uma a outra para podermos pensar como essa questão se coloca para a psicanálise.

*Romildo do Rêgo Barros: Para o IBGE, o que marca a mudança de uma geração para outra, se me lembro bem, é uma diferença de 25 anos. Vocês me perguntam se para psicanálise há algo similar. Acho que não. O risco que se tem de imitar o IBGE falando em gerações é o de empobrecer a psicanálise. É evidente que existem jovens analistas, velhos analistas, velhíssimos analistas, jovens velhos, velhos jovens, como vocês queiram, há de todo tipo. É importante que se diga que a transmissão da psicanálise, talvez metaforicamente falando, marca uma diferença de gerações, mas ela não corresponde a uma diferença etária que se estabeleça através da idade cronológica das pessoas. É preciso se pensar em uma outra passagem que não seja uma caricatura da transmissão de pai para filho.*

*Há também um outro motivo para tomarmos cuidado quando falamos em gerações. O mundo está abarrotado de juventude, está até à tampa de juventude, só se fala nisso. Sobre isto, me contaram uma história engraçada: uma vez, ao final de uma entrevista de Nelson Rodrigues na televisão, pediram que ele deixasse uma mensagem para a juventude brasileira. A câmera fez um zoom, Nelson Rodrigues fixou o olhar em sua direção e disse, com a ironia de sempre: “Envelheçam. O mais rapidamente possível” [risos].*

E é uma dificuldade envelhecer nos nossos tempos.

*Romildo: O mundo está intoxicado de juventude; há um imperativo de juventude. Ao mesmo tempo, perde-se a crítica de que esse termo, “jovem”, talvez se reporte a uma figura política. O ideal psicanalítico é que um analista de 80 anos tenha a juventude de um de 40, que um analista aos 80 anos tenha as orelhas abertas como aos 40 – digo 40 e não 20 porque a psicanálise, como se sabe, é até hoje uma profissão de velhos... Então, nesse sentido, o ideal seria que os psicanalistas desconstruíssem, para usar um termo de Derrida, a sucessão de gerações. Que fizessem, usando o nome de vocês, uma subversão na mudança de gerações para que ela não corresponda à transmissão de pai para filho. Tenho a impressão de que não é em todo lugar que se pode fazer isso, mas na psicanálise talvez tenhamos uma chance.*

Ao mesmo tempo, há a necessidade de uma transmissão que é preciso que seja feita no um a um para que a psicanálise se mantenha viva.

*Romildo: É claro. E também é verdade que a psicanálise se mexe no tempo, na história. E a história é feita dos que morrem e dos que nascem, que vão se sucedendo. Nesse sentido eu concordo, mas não podemos perder de vista que aí também podemos pensar em uma subversão da lógica temporal, podemos pensar em uma lógica que escapa a da transmissão de pai para filho. É claro que os psicanalistas têm predecessores e*

---

<sup>1</sup> Psicanalista da Escola Brasileira de Psicanálise, EBP-Rio, e diretor do Instituto de Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro, ICP-RJ.

*sucessores, mas é importante pensar que “antecessão” e sucessão se fazem como subversão da transmissão paterna. Neste sentido, um psicanalista não pode aceitar a imagem publicitária da juventude.*

*Agora, se abordarmos a juventude como potência, como capacidade para correr riscos, consonante com uma certa impaciência, com uma certa disposição para o ato, é claro, o jovem pode ser uma imagem modelo.*

Quer dizer, não se trata de um pai que transmite algo a um filho, mas de um jovem, e esse termo não se referiria a uma faixa etária localizada, que transmite algo para outro.

Romildo: *Exatamente. Se você pensar na imagem do jovem com o sentido de uma disposição maior para o ato, é ele quem irá transmitir a psicanálise.*

Se pensarmos em termos de época, o que os psicanalistas de cada época fazem a partir do contexto em que estão? O que você considera que é peculiar a nossa época, diferente do que Freud encontrou e, depois, do que Lacan encontrou?

Romildo: *Tenho a impressão de que talvez só possamos pensar sobre isso de acordo com o estatuto do sintoma. Com que sintoma se defrontou Freud, e em relação a que sintoma a psicanálise foi proposta como sintoma social? Isso de fato muda historicamente. Não é à toa que Lacan sempre insistiu – a gente não costuma dar muita atenção a isso, mas ele sempre insistiu – em dizer que a psicanálise não é eterna. Ela pode durar séculos, mas é avessa a qualquer idéia de perenidade. Ela é um sintoma social que vai durar enquanto houver um real que permita esse tipo de resposta.*

Há uma série de textos em que o Miller comenta algo como “dá para ver pelas nossas respostas que nós fomos jovens nos anos 60”.<sup>2</sup> Ou seja, tem algo da época que imprime uma marca.

Romildo: *De fato, o exercício da psicanálise é em boa parte determinado historicamente, tanto no plano da prática clínica, quanto no seu ensino. Em termos gerais, podemos dizer que o discurso analítico é sensível à fabricação do discurso do mestre. Se existe uma mudança na história da figura de quem transmite, o supervisor, por exemplo, isso não é sem conseqüências. É possível que as supervisões dadas por Freud tenham sido diferentes das que foram dadas por Lacan – que, provavelmente, são diferentes das que são dadas atualmente. São diferenças que se devem, em parte, à mudança histórica na estrutura do discurso do mestre, ou seja, do lugar de onde o mestre fala. Há repercussão dessas modificações na estrutura do discurso analítico. Essa mesa redonda em Bruxelas sobre a supervisão à qual você se refere foi interessante porque, ao se fazer um condensado dos vários depoimentos, o que aparece é a relação entre supervisão, ensino e análise.*

Faz alguns anos, Gerald Thomas fez um comentário sobre as críticas que se fazem ao estilo dos atores hoje quando se diz que eles não sabem atuar. Uma crítica um tanto saudosista em que se espera que os atores de hoje atuem como os de décadas atrás.

Romildo: *Sem dúvida, há um lado teatral na psicanálise! Há uma liturgia, uma cena. Mas é preciso ter uma certa cautela para que essa adaptação às mudanças temporais*

---

<sup>2</sup> Em *Opção Lacaniana*, nº 35. São Paulo: Edições Eólia, 2003, p. 68.

*não seja uma adaptação imaginária – por exemplo, em torno da moda. Talvez esta seja uma grande contribuição que a psicanálise pode dar: ajudar-nos a não ver a história como uma sucessão de quadros imaginários. Existe um real na história que resiste ao enquadramento imaginário. Não é à toa que Lacan diz que foi Marx quem inventou o sintoma. Foi Marx quem disse que por trás do que se vê há um real inarredável. Algo que funciona como um princípio geral que está para todos os tempos. Não sei se é verdade, mas ele tentou uma amarração. A psicanálise, nesse aspecto, tem algo semelhante. Um certo compromisso com o real que vai sendo engendrado no enquadramento imaginário da sucessão das épocas, dos tempos, etc.*

Enquanto ela puder fazer algo com isso, estará viva?

Romildo: *Sabemos que ela está viva porque ainda se procuram analistas. Ainda se acredita que os psicanalistas têm uma chave, um recurso para tratar com o real, que inclui o que há de inarredável.*

Então podemos dizer que é isso que pode ser transmitido como parte viva da psicanálise de uma época para outra.

Romildo: *É isso. Eu diria mais: é exatamente isso que é passado de uma época para outra. E não a mise en scène, o enquadramento, a moda. Eu pessoalmente acho que a psicanálise tem longos anos pela frente. A psicanálise continua tendo condições para dar testemunho da verdade do seu tempo. Não só do real do seu tempo, mas também da verdade de seu tempo, daquilo que o enquadramento imaginário procura como plano.*

E o que faz com que ela permaneça datada?

Romildo: *Lacan dizia que é uma mudança no real. Não uma mudança no imaginário, mas no real. O que pode atentar contra a psicanálise é uma modificação no real. Apareceria então, como consequência, algo melhor do que a psicanálise para dar conta do real. Um momento, por exemplo, em que os psicanalistas se vejam impotentes diante de novas formas sintomáticas. Enquanto os psicanalistas conseguirem dar respostas novas para as disfunções provocadas pelo real, não há nenhuma razão para que ela acabe. Ela vai acabar um dia, por que não, mas não acredito que seja depois de amanhã.*

Com Freud, um dos principais modos de transmissão da psicanálise era através de textos. Lacan, com seus seminários, inaugurou um outro modo de transmissão. Existiriam hoje outros meios?

Romildo: *Vocês próprios estão respondendo a essa questão com este blog. A questão é saber se o que transmite um blog é comparável ao que Freud, que além de escrever muito era também um orador, transmitiu nas Novas Conferências ou o que Lacan transmitiu em Kant com Sade. É a persistência, a insistência do real a nossa bússola. Aquilo que volta sempre no mesmo lugar, e não o caleidoscópio imaginário. Ele aparece como furo no imaginário, um furo na inteireza do imaginário, que é infinito. Claro que, sendo assim, não podemos nunca dispensar o imaginário, o caleidoscópio no que ele carrega como arranjo.*

*Vocês que são jovens podem insistir nisso, podem não se deixar inebriar com a mutação aparentemente infinita da juventude. A questão também é de saber onde se vai*

*apoiar o novo psicanalista. Com a desmoralização da questão da autoridade do mestre, a figura social do psicanalista necessariamente muda. Então, onde irá se apoiar? Judith Miller escreveu recentemente, na apresentação da jornada de trabalhos que foi chamada de Pipol 3, que o novo psicanalista está diretamente plugado no social, é no social em que se apóia<sup>3</sup>. Estamos desafiados a definir essa nova posição, que é diferente da posição face ao social em que o analista conta com a mediação da fantasia para constituir o espaço da sua intervenção.*

---

<sup>3</sup> Cf. também para este ponto Rêgo Barros, R. “Três consistências”. Em: Revista *Correio*, nº 57. Escola Brasileira de Psicanálise, 2007.